

Imagens, sonoridades e identidades dinâmicas na Procissão dos Penitentes da cidade de Goiás

José Reinaldo Felipe Martins Filho*

Resumo

O artigo apresenta uma leitura contextual da Procissão dos Penitentes realizada na Cidade de Goiás, antiga capital do Estado homônimo, em 2023, com realce para os processos de composição da identidade religiosa postos em curso. Para isso, apresenta, em primeiro lugar, a natureza da celebração em termos do catolicismo popular no Brasil, e sua exemplificação específica como componente da Semana Santa em Goiás. Em seguida, recorre a uma descrição de experiência a partir da vivência junto à manifestação religiosa em 2023, com registro de imagens e transcrição de sonoridades musicais pertinentes ao corpus ritual da celebração. Encerra-se com uma apresentação sumária de alguns dos indicadores das dinâmicas identitárias presentes no processo de reestruturação e realização da ritualidade, com destaque para os aspectos materiais que a determinam, às custas de modificações sensíveis em relação à sua prática originária.

Palavras-chave: Procissão dos Penitentes; Cidade de Goiás; Identidades dinâmicas.

Images, Sounds and Dynamic Identities in the Procession of Penitents in the City of Goiás

Abstract

The article presents a contextual reading of the Procession of Penitents held in the City of Goiás, former capital of the homonymous state, in 2023, with emphasis on the ongoing processes of composition of religious identity. The nature of the celebration in terms of popular Catholicism in Brazil will be analyzed firstly, as well as its specific exemplification as a component of Holy Week in Goiás. Afterwards, the experiential

* Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Realizou estágio pós-doutoral, com bolsa CNPq, junto ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. jreinaldomartins@gmail.com .
<https://orcid.org/0000-0001-7722-3729>

description of the 2023 event together with the religious manifestation will also be analyzed, using the recorded images and the transcription of musical sounds that are considered pertinent to the ritual corpus of the celebration. It ends with a summary presentation of some of the indicators of the identity dynamics present in the process of restructuring and carrying out the ritual, highlighting some of the material aspects that determine it, at the expense of sensitive changes in relation to the original practice.
Keywords: Procession of Penitents. City of Goiás. Dynamic identities.

Imágenes, Sonidos e Identidades Dinámicas en la Procesión de Peniteentes en la Ciudad De Goiás

Resumen

El artículo presenta una lectura contextual de la Procesión de Penitentes realizada en la ciudad de Goiás, antigua capital del Estado del mismo nombre, en 2023, con énfasis en los procesos de composición de la identidad religiosa en curso. Para ello, presenta, en primer lugar, la naturaleza de la celebración en términos del catolicismo popular en Brasil, y su ejemplificación específica como componente de la Semana Santa en Goiás. Luego, utiliza una descripción de la experiencia a partir de la convivencia con los religiosos en la manifestación de 2023, con grabación de imágenes y transcripción de sonidos musicales relevantes al corpus ritual de la celebración. Finaliza con una presentación resumida de algunos de los indicadores de la dinámica identitaria presentes en el proceso de reestructuración y realización de la ritualidad, con énfasis en los aspectos materiales que la determinan, a expensas de modificaciones sensibles en relación con su práctica original.

Palabras clave: Procesión de Penitentes. Ciudad de Goiás. Identidades dinámicas.

Procissão das almas

*Ao longe vai a multidão dos crentes,
atrás da efígie luzente
da cruz empunhada.
Cantam e pregam
por penitência e reconciliação,
por luz sobre as trevas,
por purificação.
Grita o pedinte mascarado.
Raia o povo perambulante: Misericórdia!
Por quem morreu,
por quem passou,
por quem se foi,
por quem partiu,*

*com ou sem alarde,
de morte morrida ou morte matada,
transpondo o umbral dos últimos.
Por quem foi sem deixar rastro
ou padecem cercado dos seus;
por defunto e por alma, bendita e penada,
padecente no purgatório à espera de subir.
Cantam hinos e rezam forte,
a lamentação de quem não pode mais lamentar.
Mortos da peste,
da violência,
da paixão,
do descaso,
da indiferença ríspida,
fria como toda morte é.
Mortos em tempo ou antes do tempo;
anjinhos de luz,
Todos entremeados ao cortejo dos vivos,
sem que os vejam,
no caminho duro da feliz libertação.
Até que a matraca espere,
numa longa pausa,
nova oportunidade de rogar.
(Martins Filho, abril de 2023).*

Introdução

Entre as manifestações da expressão religiosa que constituem a identidade brasileira, aquelas diretamente vinculadas ao que se convencionou como “catolicismo popular” detêm um lugar de proeminência. Isso já conforme a consagrada definição de Bittencourt Filho (2003) acerca do que chamou “matriz religiosa brasileira”, em cuja constituição a vertente do catolicismo se fez notar ao menos por duas tradições distintas, embora ambas pelas vias da colonização europeia: a de um clero letrado, relativamente conhecedor da dogmática teológica e demais meandros normativos da religião oficial, e, de outra parte, toda a variedade de influências recebida nessas terras graças a um catolicismo vulgar, isto é, desvestido das prerrogativas institucionais e sem demarcadores significativos de instrução formal. A discussão que empreenderemos neste texto inclui-se, por isso, no vasto horizonte de tessituras disponíveis à leitura que praticamos, passados os quinhentos anos da penetração do cristianismo católico no Brasil, mormente,

nos recônditos espaços da paisagem social do interior de Goiás. Também por essas bandas, indivíduos e comunidade deram sentido ao cotidiano de seus dias por meio da crença religiosa, na interface de ritos revisitados e continuamente aperfeiçoados em contraste com suas próprias escolhas, transmitidos de uma geração para a outra e ainda presentes em sua dinâmica e maleabilidade em nossos dias. Uma religiosidade *popular* em seu sentido mais fundamental, ou seja, sem a exigência de demarcadores institucionais do tempo e da ação sagrada, e, assim, completamente disponível à administração de agentes laicos, cuja autoridade se reforça pelas vias da tradição oral e da influência que exercem sobre o seu contexto mais imediato.

Esse é o caso, por exemplo, da Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT), criada em 1965 na Cidade de Goiás, antiga capital do Estado homônimo, com o intuito de resgatar tradições que há muito haviam se enfraquecido, com base num processo de reconstrução e esforço conjunto, que contou com diferentes plataformas de acionamento da memória, desde o recurso a registros visuais, textuais e em áudio de construtos semelhantes e/ou equivalentes em nível regional e nacional, do legado narrativo de diferentes fontes, até a composição autoral, dada à liberdade de seus integrantes na elaboração de novos formulários para as celebrações a serem vivenciadas por habitantes locais e turistas. Nesse sentido, ainda que uma série de outras iniciativas estejam distribuídas ao longo de todo o ano na antiga Vila Boa, em seu caso específico a Semana Santa conta com certa primazia, sobretudo os dias que compreendem da Quarta-Feira Santa ao Domingo de Páscoa, tendo seus pontos altos na já famosa Procissão do Fogaréu (à meia noite da Quarta-Feira Santa), na Procissão do Enterro do Senhor, nos variados concertos da Sexta-Feira Santa ou do Sábado de Páscoa, ou, enfim, da Procissão dos Penitentes, uma ação ritual relativamente escassa nas comunidades do interior de Goiás na atualidade, que na Semana Santa de Goiás encontrou espaço para reflorescimento e permanência.

Na medida, portanto, em que recupera os horizontes imagético e sonoro dessa ritualidade a partir de sua realização em 2023, este artigo apresenta elementos de interpretação acerca das dinâmicas postas em curso para que a procissão ocorresse, dos atores envolvidos e da nova ambientação necessária à legitimação do seu espaço na Semana Santa em Goiás. Para isso, o texto principia por uma apresentação sumária da Procissão dos Penitentes no Brasil, voltando-se para o que ocorre em Goiás. Em seguida, estende-se como um relato de experiência, reforçado por algumas imagens. A última

parte visa dar destaque para elementos considerados importantes para a composição das identidades na conjuntura atual, encerrando a intervenção.

A Procissão dos Penitentes: uma contextualização preliminar

Numa primeira aproximação, apenas à guisa de contextualizar o objeto de nossa interpretação nesta oportunidade, devemos considerar que a Procissão dos Penitentes atualmente desenvolvida na Cidade de Goiás é herdeira direta de uma tradição religiosa que aportou no Brasil vinda de Portugal – ou, dito de forma mais abrangente, de toda a região da Península Ibérica, o que inclui a Espanha – com difusão sobretudo ao longo do século XVIII. Trata-se de uma das várias expressões do catolicismo popular, que tem como base o culto às almas benditas e às almas do purgatório, refletindo, como pano de fundo, uma leitura dualista do ser humano, isto é, o contraste entre as dimensões da alma e do corpo como apropriação do longo legado cultural da tradição judaico-cristã, mas também da ênfase que o cristianismo antigo adquiriu da filosofia grega. Não apenas a referência à relação entre alma e corpo, mas a uma concepção de superioridade da alma, que é eterna, em relação ao corpo, que é mortal. Esse tipo de concepção pode ser considerado determinante na interpretação de mundo de parte do cristianismo católico, mormente aquele que chegou ao Brasil pela via de tradições orais e com primado laical, ainda que também pudesse ser observado em rituais da religião oficial como a Comemoração dos Fiéis Defuntos, estabelecida já no início do segundo milênio junto ao calendário litúrgico oficial, ou as cerimônias de encomendação dos falecidos.

Como destaca Francisco van der Poel (2018, p. 242), “na religiosidade popular, a devoção às almas tem uma ligação evidente com a comunhão dos santos”. Isto é, com a concepção de que a vida não se encerra com a morte do corpo, mas, ao contrário, prolonga-se rumo às três possibilidades do pós-morte expressa pela fé cristã católica: a salvação (ida para o céu), a condenação (ida para o inferno) e a purificação dos pecados (o purgatório). Das três opções anteriores, apenas a crença no purgatório¹ reflete a

¹ De acordo com os números 1030 e 1031 do Catecismo da Igreja Católica: “Os que morreram na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida sua salvação eterna, passam, após a sua morte, por uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do céu. A Igreja denomina *purgatório* esta purificação final dos eleitos, que é completamente diferente do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativa ao purgatório, sobretudo nos Concílios de Florença e de Trento” (grifo nosso).

possibilidade de remissão. As demais sentenças são em caráter definitivo, de modo que as almas designadas ao purgatório chegarão, um dia, a escapar da condenação ao inferno. Justamente essas almas são objeto das orações e predições por parte dos penitentes, que se reúnem conforme a tradição de cada região do país. Por conta de um costume anterior à reforma da liturgia católica operada pelo Concílio Vaticano II (1963-1965)², em que os dias da semana eram consagrados a intenções específicas nas orações, a segunda-feira é, em geral, o dia por excelência para o culto das almas do purgatório. Assim, a maior parte dos grupos de penitentes realiza as suas obrigações em dia de segunda-feira, ao longo de todo o ano, ou em épocas mais específicas, como a Quaresma³ (van der Poel, 2018). Há, porém, notícias de grupos de penitentes cuja devoção é realizada nas sextas-feiras durante o período quaresmal, encerrando-se na Semana Santa⁴. Ou em outras ocasiões, conforme as necessidades e diferentes demandas de cada realidade histórica e cultural.

No caso da Procissão dos Penitentes em geral, devemos incluí-la no campo da religiosidade popular cristã, caracterizada por uma série de elementos simbólicos, por crenças e ritos que as fortalecem ao longo da vida dos crentes e que tem como traço fundamental a tomada de um caminho relativamente autônomo em relação à doutrina oficial da Igreja Católica, parafraseando-a. Em seu *Dicionário da religiosidade popular* Francisco van der Poel (2013) apresenta uma rica documentação relacionada à Procissão dos Penitentes, ou, como também é denominada em outras regiões do Brasil, a Encomendação das Almas, ou Procissão das Almas, ou, ainda, Procissão *de* Penitentes⁵. Segundo o autor, tal realização diz respeito a rituais produzidos por um grupo de pessoas que, “à meia noite [...], vestidos de lençóis brancos reúne-se na porta do cemitério ou numa encruzilhada. Ao som de uma

² O Concílio Ecumênico Vaticano II é considerado o principal evento em âmbito eclesial, doutrinal e pastoral da Igreja Católica nos últimos cinco séculos. Foi convocado pelo Papa João XXIII e encerrado, após sua morte, pelo Papa Paulo VI, compreendendo, em sua efetiva atividade, os anos de 1963 a 1965.

³ Período de quarenta dias, de abstinência, jejum e intensificação das orações, que antecede a celebração da páscoa cristã.

⁴ Isso também é registrado por van der Poel (2013, p. 837) em seu *Dicionário da religiosidade popular*: “Na quaresma, existem procissões de flagelantes que fazem penitências, principalmente no Nordeste brasileiro. Na sexta-feira santa, em Sabará (MG), há 150 anos o povo faz uma procissão de penitência ao som de matracas”.

⁵ Não confundir com “Procissão de Penitência”, expressão que alude a um conjunto de ritualidades completamente diverso, em geral relacionado a esforços e mortificações em função de uma causa, como as procissões de penitência para pedir chuva, entre outras.

matraca, visitam cruzeiros, cemitérios e as portas das igrejas” (van der Poel, 2013, p. 357). Os cantos se alternam ao longo do percurso, com textos musicados que também constam em rica documentação realizada por van der Poel (2013).

No caso do Brasil, embora tenha se tornado cada vez menos “popular”⁶, no sentido de adesão e manifestação em diferentes regiões, a Procissão dos Penitentes está entre as práticas mais frequentes do catolicismo laical e, conseqüentemente, encontra-se ricamente documentada seja pela historiografia, seja pela literatura⁷, com aparições em contos e poemas contextualizados numa ambientação de Brasil interiorano. Tais procissões são encontradas especialmente em estados como Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, entre outros, em que se estabeleceram mais fortemente as associações de fiéis leigos denominadas Irmandades. Em geral, coube a tais Irmandades a organização e perpetuação de celebrações do mesmo tipo, sempre por ocasião de algum preceito religioso ou celebração das principais festividades do calendário cristão católico. Como principal distintivo da religião oficial, como pudemos observar noutra oportunidade (Martins Filho, 2019a), tem-se em vista a dimensão laical da festa, quer dizer, o fato de se prescindir da presença institucionalizada do credo através de seus ministros

⁶ Para Canclini (2011, p. 279), o “popular designa as posições de certos agentes, aquelas que os situam frente aos hegemônicos, nem sempre sob forma de confrontos”. Não se trata, por isso, de uma avaliação da popularidade ou impopularidade de uma forma devocional em relação à receptividade das pessoas. Aliás, como recorda Anscar Chupungco (2008, p. 108), “algumas formas de religiosidade popular, de novo dependendo da região, podem receber pouco ou nenhum interesse por parte das pessoas”. Ver também Martins Filho, 2019b.

⁷ Em meio à rica expressividade da literatura goiana, por exemplo, é o caso do conto Procissão das Almas, publicado na coletânea *Estórias da Casa Velha da Ponte*, da célebre poetisa Cora Coralina, do qual transcrevemos um breve trecho ilustrativo: “[...] Era uma procissão de Penitência, das muitas que se faziam naquele tempo. A Irmandade da Misericórdia, grupo de pessoas ou famílias se reuniam, encabeçavam com outras e, cumprindo promessa feita de difícil graça alcançada, sufrágio de morto deprecante ou mesmo caridade para com algum encarcerado indicado para a forca, organizavam-se uma promessa daquelas, ditas de Penitência” (Cora Coralina, 2014, p. 24-25). Mas é a própria autora quem admite, em nota de rodapé aposta junto à página inicial do conto, que não se trata de uma construção completamente autoral, mas de uma versão sua à história difundida por outros em Goiás. E diz: “Cada escritor, atribuindo o caso à sua cidade, conta a seu modo, enfeitando o maracá do estilo. É o que também faço. Em Goiás, somos três a escrever esta mesma estória, cada qual a seu modo” (Cora Coralina, 2014, p. 23). A versão que consta no *Dicionário do Brasil Central*, de Bariani Ortencio, é atribuída à escritora Regina Lacerda (Ortencio, 2009, p. 619).

oficiantes⁸. Como em todo o catolicismo popular, também na Procissão dos Penitentes a coordenação da cerimônia, cortejo, presidência dos atos rituais e dos cantos, é realizada pelos próprios leigos, diferenciando-se neste ponto do que se pratica nas liturgias formais, expressão do que aqui temos tomado como o âmbito da religião oficial.

Como dissemos, e repetimos, a consolidação da tradição da Procissão dos Penitentes no Brasil, ligada à devoção às almas do Purgatório (ou “almas benditas”, como também são chamadas), tem origem europeia. Mais especificamente, num conjunto de crenças que granjearam grande força na Europa medieval e que se difundiram em Portugal em torno do século XV. Somente a partir do século XVIII começariam a se espalhar pelo Brasil, tornando-se, ao longo do século XIX, uma das principais expressões do catolicismo popular em terras brasileiras. A devoção parte do pressuposto cristão católico de que as almas dos fiéis que não morreram em estado de graça podem ser ajudadas pelos vivos a alcançar a salvação. Tal ocorre por meio de uma série de orações e cânticos, pela mortificação dos corpos dos penitentes (os principais agentes rituais da devoção) e por sua caminhada por toda a cidade até o cemitério. Nesse sentido, apesar de não serem reconhecidas pela Igreja Católica, trata-se de devoções bastante valorizadas pelos fiéis; ambos aspectos que puderam ser observados no contato estabelecido com a Procissão dos Penitentes da Cidade de Goiás em 2023: a) por um lado, a ausência de figuras institucionais, tanto como oficiantes, quanto como participantes (a não ser que estivessem imiscuídos em meio à multidão, em vestes seculares); b) a alta adesão por parte da comunidade dos crentes, incluindo a participação de pessoas advindas de outros municípios da região circunvizinha, entre devotos e turistas em geral – esses, interessados no fetiche e no caráter exótico da manifestação.

No caso específico da Cidade de Goiás, alia-se ao fator estritamente religioso e à comoção por ele desencadeada o contexto específico de celebração da Procissão dos Penitentes, isto é, a Semana Santa. O evento, de caráter primariamente religioso, também adquiriu ao longo das últimas décadas um forte apelo comercial e turístico, como expressão da cultura

⁸ Talvez a maior ênfase a partir da qual se pode destacar o catolicismo popular seja, realmente, o primado laical de suas celebrações (Martins Filho, 2019a). Isso é o que também expressa Maria Angela Vilhena (2015, p. 38-39), ao recordar o crescimento das práticas religiosas populares que teve como base o processo de clericalização e complexificação das ritualidades.

goiana em suas manifestações populares⁹. Isso especialmente por conta da Procissão do Fogaréu, um paroxismo híbrido de diferentes tradições reunidas numa cerimônia com forte dimensão cênica e apelo afetivo. Nesse caso específico, então, a Procissão dos Penitentes é deslocada de sua posição originária, simplesmente como expressão da devoção de Irmandades laicas, passando a assumir uma posição comercial no interior das festividades da Semana Santa em Goiás, fator que se pode depreender particularmente por dois motivos: a) por sua inclusão no informativo publicitário da festa, entre outras programações; b) pelo deslocamento do dia em que era habitualmente realizada – a Sexta-Feira Santa – com motivação explícita de preencher a lacuna gerada por uma noite para a qual não havia previsão de quaisquer atividades, a Quinta-Feira Santa. Enquanto na Quarta-Feira Santa, à meia noite, inicia-se a tradicional Procissão do Fogaréu, na Sexta-Feira Santa pela noite transcorre a Procissão do Enterro do Senhor, com seu descendimento da cruz, e no Sábado Santo, a Cantata de Páscoa, a noite de Quinta-Feira permanecia desguardada de programação. Ao menos de uma programação popular, isto é, advinda da expressão religiosa do povo vilaboense, já que oficialmente as atividades que integram o Tríduo Pascal¹⁰ desenvolvem-se em sua forma ordinária também ali. A reconstrução da Procissão dos Penitentes, por isso, tem o duplo papel de resgate da identidade religiosa e de promoção do turismo local, franqueando aos presentes a oportunidade de aderirem a uma programação pouco usual em outros municípios do interior goiano no século XXI. Isso porque embora já tenham sido bastante comuns no século passado, tais procissões podem ser consideradas escassas na atualidade.

Esse também é o motivo de nesta oportunidade recorrermos ao caso concreto de sua realização na Cidade de Goiás com a finalidade de evocar o que consideramos uma importante tradição cultural brasileira, em sina de não mais existir às futuras gerações. Mais que isso, nosso interesse se concentra justamente no potencial de resistência imposto a tais formas de expressão da religiosidade refletindo sobre alguns dos mecanismos que tornam possível a

⁹ Ao longo dos últimos anos, tivemos a oportunidade de realizar estudos mais aprofundados sobre outros expoentes do catolicismo popular em Goiás, especialmente do ponto de vista da sua possibilidade de hibridação e/ou atualização de alguns de seus elementos constitutivos. É o caso da Folia de Reis e da Romaria ao Divino Pai Eterno (ver: Ecco; Martins Filho, 2016, 2017, 2018).

¹⁰ É integrado pelos três dias de celebração que antecedem, imediatamente, o domingo de páscoa dos cristãos católicos, isto é, a Quinta-Feira Santa, a Sexta-Feira Santa e o Sábado Santo.

sua perpetuação, sempre às custas das modificações estruturais necessárias à manutenção de sentido aos presentes e, justamente por isso, o caráter híbrido de tais organizações, como a acomodação de diferentes tradições, matizes e performances em nome de uma continuidade feita de rupturas (Martins Filho, 2022a).

Um relato de experiência, sentido vivencial e memória

Como prometido de início, para dar concretude à presente discussão e, ao mesmo tempo, favorecer a centelha de contribuição deste artigo para a interpretação das culturas religiosas populares na atualidade, passo, nesta seção, ao relato da minha experiência junto à Procissão dos Penitentes realizada na Cidade de Goiás, na noite de Quinta para Sexta-Feira da Semana Santa de 2023. A experiência foi integralmente documentada em arquivos de vídeo e imagem, algumas das quais também apresentarei a seguir, compondo a atmosfera de realização do ritual. Toda a cerimônia durou, aproximadamente, uma hora, desde a chegada dos penitentes até o encerramento no Cemitério São Miguel¹¹. A descrição que segue quer ser uma leitura pessoal do ocorrido, com o risco de, justamente por isso, focar os aspectos que mais chamaram a minha atenção, em detrimento de outros.

A atividade se iniciou com a chegada, pouco a pouco, da comunidade local, para prestigiar o ato de fé. Entre os presentes havia também uma grande porção de turistas, facilmente distinguíveis dos locais por seus trajes e comportamentos corporais. Ainda antes das 23h as pessoas se acomodavam como podiam no largo da Igreja de São Francisco de Paula, no núcleo do

¹¹ Conforme o Decreto Municipal da Cidade de Goiás, n. 273, de 27 de março de 2023, que regulamenta a realização das atividades religiosas que integram a Semana Santa em Goiás, o trajeto da Procissão dos Penitentes é o seguinte: “Início: Quartel do XX, desce o Beco Sócrates, entra na rua Professor Ferreira, e posiciona-se na escadaria da Igreja de São Francisco, desce a escadaria e entra na Av. Dr. Sebastião Fleury, atravessa o Rio Vermelho pela ponte do Carmo, passa em frente ao Hospital São Pedro, para na Igreja de nossa Senhora do Carmo, sobe a rua do Carmo e entra à direita na Travessa do Carmo até o Beco Vila Rica, vira a esquerda e segue até a rua Senador Eugenio Jardim, entra a direita e para na escadaria do santuário Nossa Senhora do Rosário, sobe a rua Dr. Luiz Guedes de Amorim, entra à esquerda no Beco do Ouro Fino, desce a rua Hugo Ramos, para em frente a Sentinela da Alma (Salão de Velórios da Santa Luzia), sobe a rua D’Abadia, para em frente à Igreja Nossa Senhora D’Abadia, vira a direita na Travessa dos Bancários, sobe a rua Joaquim Bonifácio, entra na rua Cel. Santa Cruz (rua da Manchorra), para na praça da Manchorra, continua em frente e entra a esquerda na Travessa Passos da Pátria, sobe a direita na Rua vereador Hugo Argenta (Rua do cemitério), para na escadaria do Cemitério” (Prefeitura Municipal da Cidade de Goiás, 2023).

centro histórico. Contava pouco mais do horário marcado quando a pequena audiência de fiéis foi surpreendida pelo cortejo dos penitentes, a passos largos, vindos de alguma viela da rua de pedra. Trajados em vestes brancas, semelhantes ao hábito dos frades dominicanos, com o capuz cobrindo todo o rosto, o grupo de homens entoava as suas louvações. Cada vestimenta trazia seu próprio capuz, uma pala ao redor do pescoço e uma faixa, também em cor branca, ladeando a cintura (cf. Imagem 1). Todos estavam descalços, em sinal explícito de penitência, e assim permaneceram ao longo de toda a procissão, seguindo pelas ruas de calçamento irregular e rude.

Imagem 1 – Penitentes em formação para a Procissão



Fonte: Acervo pessoal.

Eram em grupo de doze¹², dispostos conforme as seguintes funções: sete alçando tochas fumegantes, um turiferário, um naveteiro, um cruciferário,

¹² Outro indício da plasticidade da devoção é a comparação com o atual número de penitentes e o que se praticava há alguns anos, conforme o registro de Britto (2008, p. 2): “A procissão é composta de sete homens encapuzados (ou 14 ou 21, sempre em número variante de 7), em homenagem às sete dores de Nossa Senhora. Em espírito de profunda fé e devoção, repetem as orações e cantam em sufrágio das almas falecidas que necessitam de oração. Portando um crucifixo e tochas, são guiados pelo som da matraca que anuncia sua passagem pelas ruas e becos da antiga capital”.

à frente dos demais, e, ao centro, dois entoadores das antífonas ao longo do caminho, portando, cada um, uma matraca (cf. Imagem 2). A cruz liderava o grupo, que a perseguia bem de perto, mantendo a formação pareada. Parecia tratar-se de um utensílio específico para esse tipo de celebração, com relativa antiguidade, como se poderá notar dos registros fotográficos da cerimônia, dispostos ao longo desta seção. A matraca¹³, uma peça de madeira uniforme, com badalos em metal presos dos dois lados, é, certamente, o instrumento mais característico da Procissão dos Penitentes. Abre os caminhos entre a multidão, conclama as “almas” de vivos e mortos para que se voltem ao momento de oração. Marca o tempo de espera em cada parada e o momento de recomeçar. Dá a pulsação do caminho e registra a atmosfera de suspense que acompanha todo o trajeto. Ao longe se podia ouvir o seu badalar áspero, ríspido, seco, embora ecoante. Bastante diferente do embalar dos sinos em outros dias de semana. Aliás, esse costume de alardear matracas pelas ruas da cidade ancora-se na proibição, por parte do catolicismo oficial, da reverberação de sinos durante o Tríduo Pascal¹⁴. Conforme a orientação do Missal Romano, desde o canto do Glória da Quinta-Feira Santa até o momento do mesmo canto na Vigília Pascal, na madrugada de Sábado para Domingo, não se tocam os sinos. Além disso, vale observar que a versão da Procissão atualmente realizada em Goiás não possui o tradicional “Berra boi”¹⁵, que, juntamente à matraca, comporia a sonoridade da celebração – como usual em outras regiões do Brasil. Resta, ao longo de todo o caminho, apenas o estalar da matraca, seguida de orações e cantos sem acompanhamento instrumental.

¹³ Peça de madeira em que são fixados suportes móveis, como o badalo de um sino. Com sua agitação, produz um barulho áspero e seco, de forte intensidade. É utilizado nos dias da Semana Santa em que, conforme a orientação do culto oficial, proíbe-se o toque dos sinos.

¹⁴ Esta recomendação está disposta no Missal Romano, junto às demais instruções normativas da Missa da Ceia do Senhor, que ocorre após o pôr-do-sol da Quinta-Feira Santa, em que se lê: “Durante o canto [do Glória], tocam-se os sinos, que permanecerão silenciosos até a Vigília Pascal” (CNBB, 1992, 247).

¹⁵ Instrumento cerimonial ou brinquedo originalmente utilizado por certos povos indígenas. Consiste num pedaço de madeira atado a uma corda que, ao ser girado, produz um som de expressividade forte, e intensidade. Também é conhecido como zunidor, urra-boi ou rói-rói.

Imagem 2 – Detalhe dos Penitentes em Procissão



Fonte: Acervo pessoal.

Após dar notícia de sua chegada, o grupo de homens – e, vale destacar, não havia nenhuma mulher na composição do grupo, o que se pôde aferir pelo timbre das vozes, já que a identidade dos penitentes permaneceu todo o tempo velada – subiu as escadas da Igreja de São Francisco e iniciou suas orações, como se pedissem proteção para a jornada ao longo da noite. Sobre isso é preciso recordar o aspecto laical da celebração a que recorremos anteriormente, sem quaisquer figuras institucionais do catolicismo “oficial”. Os próprios penitentes conduziram toda a cerimônia e seus atos. Sequer naquele momento inicial houve presença de algum padre ou religioso para a bênção. Suplicaram, eles próprios, a proteção dos céus com cantos e aclamações, num momento relativamente breve, e, ao soar das matracas, saíram pelas ruas da cidade, seguidos bem de perto pela multidão de crentes, curiosos e interessados pelos mais diferentes motivos. Na medida em que avançavam, o grupo das pessoas que os seguia só aumentava.

Ao longo do trecho rezava-se Pai-Nossos e Ave-Marias e, de tempos em tempos, uma aclamação entoada por um dos “matraqueiros”, em tom de lamentação, em movimento melódico descendente: “Senhor Deus!” E todos

respondiam: “Misericórdia!”. A antífona era repetida algumas vezes e, nos lugares programados para a parada, acrescida das intenções específicas, mas sempre com a mesma resposta (cf. Exemplo Musical 1).

Exemplo Musical 1 – Melodia das Lamentações



Fonte: Acervo pessoal.

A passos largos, o grupo seguiu pelas ruas e vielas da cidade. A primeira parada ocorreu diante da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, uma espécie de capela anexa ao Hospital da Caridade São Pedro de Alcântara. Foi um momento bastante forte, já que a relação entre doença e morte é sempre presente. Todos os penitentes se ajoelharam bruscamente e o antifonário entoou o estribilho habitual desde o início da procissão, acrescido da seguinte intenção: “Por todos os falecidos neste hospital!” E todos reagiram: “Misericórdia!” Ergueu-se a cruz e cantou-se o *Glória ao Pai*, em melodia tradicional das Folias de Reis do interior goiano¹⁶. À revelia do costume em outras partes do Brasil, não havia cantos específicos de lamentação, louvações ou incelências, apenas algumas canções colhidas do vasto repertório do catolicismo popular, embora mesmo essas bastante escassas durante toda a procissão, cujo destaque estava para: a) o canto do Glória, a cada parada, b) as intenções do antifonário, sempre seguidas da aclamação do povo, e c) as orações do devocionário católico. A procissão movia-se rapidamente, mudando de caminho para atender todas as necessidades da cidade. Passava de ruas a vielas com velocidade, obrigando a multidão, que a cada nova quadra se expandia, a conter-se, espremida, em ambientes de pouco espaço.

A segunda parada realizou-se em frente ao Santuário de Nossa Senhora do Rosário, gerido pelos Frades Dominicanos. Ali, um pequeno grupo de fiéis já aguardava, aderindo à Procissão que evoluía desde algumas ruas anteriores. Os penitentes outra vez se prostraram de joelhos ante a

¹⁶ Uma notação musical completa da versão mencionada foi realizada por nós em outra oportunidade, tendo como base o que é praticado por grupos de Folia de Reis no interior de Goiás (ver Martins Filho, 2020a, p. 277).

cruz elevada, realizaram orações e preces e cantaram o *Glória*, um costume replicado em todas as demais paradas e que pode ser visualizado no registro abaixo (cf. Imagem 3).

Imagem 3 – Parada no Santuário do Rosário



Fonte: Acervo pessoal.

As paradas no espaço das Igrejas eram relativamente breves, apenas o suficiente para rogar pelas almas dos fiéis que ali foram velados, ou que

ali frequentavam em vida, deixando a marca de sua presença também após a morte. Da Igreja do Rosário seguiu-se diretamente para a Igreja de Nossa Senhora da Abadia, localizada a distância média. Todo o rito se repetiu, sempre com maior concurso de fiéis e interessados. Vale destacar a presença de um importante grupo de fotógrafos e pessoas com aparelhos celulares. A luz das velas acesas disputava com *flashes* a manutenção da claridade em meio àquela noite escura de lua cheia. Os fotógrafos seguiam de perto, de certa distância à frente do cortejo, de onde podiam registrar todo o acontecimento. Uma parte deles até parecia ter sido contratada pela própria organização do evento que, embora se trate de uma manifestação do catolicismo laical, isto é, do catolicismo popular, foi indicado, como mencionamos, como parte da programação oficial da tradicional Semana Santa da Cidade de Goiás, com veiculação impressa no informativo publicitário produzido pela administração municipal em suas versões física e digital.

Da Igreja de Nossa Senhora da Abadia, o cortejo seguiu para dois lugares emblemáticos, haja vista a temática que atravessa e acompanha todo o desenrolar dos ritos, a saber: a) uma casa funerária bastante tradicional na cidade (talvez a mais antiga do ramo por ali), e b) o local em que até meados do início da República do Brasil restava o cadafalso e a forca. Às portas da casa funerária prostraram pela terceira vez de joelhos e entoaram aclamações em sufrágio de todos os mortos que por ali passaram em preparo ou velório, e dali seguiram para a vida eterna. O mesmo, porém, não se fez pelas ruas e arredores de onde constava o antigo espaço de consumação das penas de morte. Ali não se ajoelhou, pois não se pode definir com precisão o local – e, mesmo, se ainda se encontra disponível, ou foi coberto por alguma construção – nem constranger os atuais moradores. Apenas se atravessou ruas e vielas, sempre rogando pela salvação das almas, especialmente pelas almas do purgatório. O antifonário, após tocar a matraca, interveio em tom de lamentação: “Por todos os que aqui foram enforcados! Por todos os que aqui foram condenados à morte!” E todos novamente aclamaram cantando: “Misericórdia!” A oração foi repetida em diferentes lugares, sempre lembrando de se rezar pelos falecidos da cidade, por todos os mortos da cidade, por todas as almas benditas. Como podia, a procissão seguia o seu caminho, enquanto a noite recobria de breu cada vez mais espesso os espaços e as pessoas que ali acompanhavam com interesse.

Antes do desfecho, porém, com a chegada do grupo dos penitentes ao Cemitério São Miguel, gostaria de dar destaque para o forte caráter político do evento. Em todas as paradas lembrou-se de situações de morte

da atualidade, que trazem a marca de escolhas políticas, de descasos ou de incentivo à violência explícita por parte do Estado. Por exemplo, quando se rezou pelas “almas inocentes” às portas do Hospital São Pedro Canísio, lembrou-se do ocorrido nas imediações daquela semana no interior de Santa Catarina, com o atentado contra as crianças de uma Creche em Blumenau. Quando, às portas da Igreja de Nossa Senhora da Abadia, rezava-se pelos mortos da cidade, também se falou nos que morreram por resultado de políticas de morte, como os indígenas Ianomami de Roraima, fato amplamente noticiado no início do ano. Enfim, ao recordar os mortos por condenação explícita do poder público, fora mencionado, em antífona da oração, “todos aqueles que morreram pela violência das armas” – um tema sensível para a discussão pública no Brasil dos últimos tempos, em que o comércio de armas alcançou níveis alarmantes em comparação com a década anterior. Indicativos como esses não podem passar ao largo de nossa descrição, já que incidem diretamente sobre os comentários que serão dispostos a seguir, isto é, sobre a necessidade de novos ajustamentos e hibridações para a manutenção das identidades culturais. Dão conta da atualização pretendida da devoção às necessidades de um novo tempo, de uma nova época, fazendo contrastar uma leitura da tradição como “manutenção” e a possibilidade de sua constante tessitura e, portanto, a construção do “mesmo” – a “continuidade” – sempre a partir das demandas de sentido de cada época e lugar.

Imagem 4 – Detalhe da Procissão por entre as Ruas estreitas



Fonte: Acervo do autor.

Deixando esses aspectos de interpretação para a última parte do nosso texto, no entanto, é preciso focalizar o encerramento ritual da Procissão que aqui trazemos ao debate, como ponto alto de todas as devoções realizadas pelas ruas da Cidade de Goiás. Iniciada nos arredores da Igreja de São Francisco de Paula, pouco após às 23h, e depois de ter percorrido uma pequena infinidade de ruas e corredores da mesma cidade, o conjunto dos penitentes, então seguido por uma significativa multidão de pessoas com velas acesas, chegou às portas do Cemitério São Miguel. Não precisou que houvesse intervenção dos organizadores. Todos já sabiam que apenas os penitentes adentrariam o espaço do Cemitério e, aos poucos, foram se reunindo junto às portas, depositando suas velas na calçada em frente ou nos umbrais dos muros do espaço sagrado. Após ultrapassarem os limites do portão, o grupo dos doze fechou-o atrás de si e se colocou definitivamente em campo santo, para onde – ao menos em tese – atraíram todas as almas peregrinantes pelas ruas da cidade em busca de salvação. Por cima do muro pude observar, de longe, o que ocorria no interior do Cemitério. Os penitentes se dirigiram para o centro do espaço, em que existe um imponente cruzeiro, organizaram suas tochas ao redor e realizaram uma espécie de oração de “entrega” do trabalho realizado. Da distância em que me encontrava, não pude ouvir com maior atenção as palavras oficiadas, apenas observar os gestos rituais e a conclusão daquele importante ato de fé para os que dele tomaram parte. Já passava da meia noite, quase alcançando o completar da primeira hora do novo dia: Sexta-Feira da Paixão, dia de guarda, jejum e oração. Aos poucos a multidão se dissipou, retornou para as suas casas, com um pouco mais de esperança a respeito da salvação de seus entes falecidos.

Observando o deslocamento das pessoas ali reunidas, não pude ver o desfecho dos próprios penitentes, como se tivessem, eles próprios, desaparecido no interior do Cemitério. É certo que isso não se deu *de fato*, mas *de sentido*, como marca de um sentido maior na construção narrativa proposta para aquela noite de Semana Santa, com resgate de ritos adormecidos e então revividos na construção plástica da memória, que é sempre social. A fachada da frente do Cemitério restou toda iluminada, pelas preces dos que ali acorreram por si e pelos seus, até que as velas se desfizeram e a noite outra vez roubou a cena, envolta em silêncio.

Identidades dinâmicas e em processos de construção

Com base no pensamento de Nestor Garcia Canclini, deparamo-nos com o processo de hibridação como característica do movimento natural das culturas, aquilo que pode ser descrito pela adaptabilidade de tradições de um contexto eminentemente rural para sua recomposição em circunstâncias de maior urbanização. Ou, o mesmo, da tradução de certas composições culturais de uma época para a outra, nem sempre contando, para isso, com um fluxo linear e contínuo. O autor de *Culturas Híbridas* empreende um caminho de desconstrução de uma leitura estanque da cultura e de seus produtos. Ao se falar de cultura não se deve ter em conta “o sentido unívoco de um conceito científico, mas o valor ambíguo de uma noção teatral” (Canclini, 2011, p. 279). Ainda mais em se tratando de um expoente da cultura popular religiosa como fruto de uma tentativa de resgate de tradições do passado, importantes para a identificação da cidade e de seus moradores, após tantos anos sem a sua realização.

Esse parece ter sido o caso da Procissão dos Penitentes da Cidade de Goiás, a partir de um resgate proposto em 2006 pelos membros da OVAT e demais interessados. Ocorre que, se com a Procissão do Fogaréu ou a Procissão do Enterro vários elementos performáticos foram recuperados, tais como fotografias de eventos do passado ou acervo de partituras com composições locais para a finalidade da Semana Santa, em se tratando da Procissão dos Penitentes, apenas as referências visuais mantiveram-se constantes. Desde o ponto de vista do panorama sonoro da celebração, muitas lacunas permaneciam sem possibilidade de uma reparação o mais fiel possível a uma originariedade do ritual. Com exceção da matraca, referida em narrativas e/ou na celebração realizada em outros contextos do Brasil (e o Berra boi, que, como dissemos, não consta na conjuntura ritualística da Procissão dos Penitentes em Goiás), todos os demais cantos se perderam. Isso porque é tônica predominante nesse tipo de circunstância ritual não apenas a condução e presidência dos leigos, mas também a gestão e manutenção das celebrações. Famílias do passado se incumbiam de determinadas tradições que, quando não passadas às próximas gerações, acabaram por perder-se. Todas as cantilações que antes integravam o referencial sonoro da Procissão dos Penitentes desapareceram com os indivíduos que as proclamavam ano após ano. Não perduraram o suficiente para registro em plataformas de áudio ou audiovisuais, não foram transcritas em notação musical moderna. Simplesmente se perderam. Diante disso, optou-se pela reconstrução a

partir do movimento dialogal com outros expoentes do catolicismo popular praticado na região. As lacunas existentes foram preenchidas com peças rituais, orações e tradições recuperadas de uma mesma ambiência religiosa, ainda que não estritamente relativa ao contexto da devoção às santas almas benditas, ou das rezas em sufrágio das almas do purgatório. Nesse ínterim, algumas frentes merecem destaque de nossa parte, diretamente vinculadas ao aspecto sonoro da devoção, à sua recomposição – e esse é, talvez, o principal aspecto a se destacar – ou com respeito seja ao potencial comercial explorado pelas edições mais recentes, seja à construção de uma ambiência adequada tendo por base os recursos atualmente disponíveis para isso. Em síntese, apontamos três aspectos relacionados ao processo de hibridação que está na raiz da manutenção da celebração religiosa e de sua perpetuação aos dias de hoje, com possibilidade de se chegar às próximas gerações:

I) O primeiro deles, como recorrido acima, trata do apelo comercial da devoção, explorada como forma de compor e acrescentar à programação oficial da Semana Santa em Goiás, desde o ponto de vista da recuperação e manutenção das celebrações populares, isto é, sem o patrocínio direto e hierárquico da Igreja Católica, dando-se a partir da livre iniciativa de famílias, associações laicais¹⁷ que atualmente substituem as antigas Irmandades, ou, até mesmo, do fomento econômico promovido por órgãos estatais como as gestões municipal e estadual (por exemplo, por meio da regulamentação anual de decretos, como é o caso do Decreto n. 273, de 27 de março de 2023). Como condição à sua realização a Procissão dos Penitentes de Goiás precisou render-se ao fator comercial, permitir a modificação de data em sua realização, introduzir dispositivos tecnológicos visuais e admitir um importante fluxo de turistas interessados apenas em registrar a excentricidade de tal acontecimento, seu registro desde a dimensão do *exótico*, embora sem devoção ou motivação religiosa autêntica. Esse aspecto, porém, não pode ser lido de maneira desvinculada de todo o contexto de resgate da Semana Santa em Goiás e suas peculiaridades. Em suma, resta importante destacar que opções foram realizadas e que a composição atualmente disponível é

¹⁷ Curiosamente, esse tipo de iniciativa, já predominante em diferentes momentos dos dois últimos séculos, embora sublimado pelo processo de romanização imposto ao catolicismo em Goiás desde o final do século XIX, tem retornado ao centro das discussões do catolicismo oficial com base na ampla discussão realizada sobre a *sinodalidade da Igreja*, conforme a convocação do Papa Francisco (ver Martins Filho, 2022b; Martins Filho, 2020b).

resultado de constantes negociações e arranjos com participações plurais, para além da determinação do próprio grupo dos penitentes, para além do círculo dos devotos, como expressão da realidade híbrida que constitui a atualidade.

II) Um segundo aspecto relacionado ao *jogo* de tensões em prol da continuidade da prática religiosa popular toca de maneira mais específica a sua dimensão cênica, isto é, a ambientação da trama que se desenvolve ao longo da Procissão propriamente dita. O primeiro deles é a apropriação realizada pelos próprios penitentes de vestimentas do catolicismo oficial. Os trajes brancos de que se recobrem, embora façam indicação às antigas vestais, são, na verdade, hábitos religiosos possivelmente emprestados de uma das paróquias da cidade. A esse elemento se acrescentam: a) o uso de turíbulo e naveta¹⁸, instrumentos do culto oficial que não pertenciam às tradições populares, mas à missa solene da Igreja Católica, nesse caso transferidos de seu contexto de sentido originário para revestir de sacralidade o acontecimento ritual em âmbito popular – ambos os instrumentos também devem ter sido empenhados de alguma paróquia da região e integram a dimensão ambígua, paradoxal e, por isso, completamente híbrida a partir da qual se pode apreender as tradições do passado em sua manifestação no presente; b) por conseguinte, não como algo explícito, mas, ao contrário, como uma ausência sentida, a falta do Berra boi, como instrumento tradicional no culto às almas, sobretudo dada a influência das tradições afro-brasileiras sobre esse panorama de devoção específico. Todos esses elementos denunciam – com sua presença ou sua ausência – a nova composição necessária à manutenção da celebração religiosa, constantemente submetida ao processo de modernização e, por isso, ao constante trânsito de influências, à maior plasticidade nas suas composições e, conseqüentemente, liberdade de arranjos e participações que, em outro tempo, poderiam soar conflitantes e contrárias.

III) Por fim, e em terceiro lugar, o que talvez mais fortemente permaneceu em mim como exemplo do constante trânsito necessário às expressões da cultura a fim de perdurarem. Na falta de um repertório

¹⁸ O turíbulo, cuja origem vem do latim *Turibulum*, e significa “incensário”, ou seja, instrumento utilizado para o processo de oferecimento de incenso – perfumes queimados – em honra às divindades, foi apropriado pela Igreja Romana em seus rituais e atualmente é utilizado nas celebrações solenes, manipulado pelo sacerdote ou pelo diácono. Geralmente vem acompanhado pela naveta, do francês *Navette*, e do latim *Navigium*, isto é, embarcação, barco, o que se justifica pelo seu formato de um pequeno barco. Nele se depositam os grãos de incenso que serão queimados no turíbulo.

religioso adequado à realização da devoção, seja por ausência de registro ou impossibilidade de acesso ao que se praticou no passado, as lacunas rituais foram preenchidas por exemplares do catolicismo popular em Goiás, de modo a permanecer a tônica predominante da Procissão e realizá-la nos dias de hoje. São exemplos disso o *Glória seja ao Pai...* entoado em todas as paradas, mas também os cantos penitenciais executados com participação expressiva da maior parte dos moradores que acompanhavam o itinerário dos penitentes, todos recolhidos do cancionário católico tradicional, especialmente cantos para o tempo da Quaresma, como *Pecador agora é tempo*, ou *Eu confio em Nosso Senhor*. Entre as paradas da procissão e suas intenções devocionais, abundavam orações como a Ave-Maria e o Pai-nosso, para cumprir o trajeto ritual sem intercorrências, deixando como tônica característica da celebração as aclamações mencionadas pela seção anterior, com suas diferentes modulações e acentos conforme cada necessidade específica (mortos no hospital, ali executados, ali sepultados...).

Enfim, ao falarmos da Procissão dos Penitentes na Cidade de Goiás, às vésperas de celebrar os seus trezentos anos de existência, temos em vista uma composição altamente híbrida, com a capacidade tão própria do catolicismo popular de equalizar tensões e diferentes tendências para a formação de uma nova forma de expressão. Ao que parece, trata-se de um processo exitoso, capaz de doar sentido às novas gerações e permanecer no presente como um legado do passado, sem maiores questionamentos e, sobretudo, alcançando o seu efeito catártico-memorial na vida dos fiéis que o praticam.

Considerações finais

Ao término de nosso percurso, consideramos cumprido o propósito de revisitar uma das muitas expressões do catolicismo popular desenvolvido no interior do Estado de Goiás, como fonte para a leitura das composições e tessituras que mantêm a sua dinâmica, como campo de expressão de sentido constantemente reelaborado por sujeitos e comunidades. Tal análise contribuiu no fortalecimento da tese de que, no tocante às culturas populares, falar de identidade implica considerar formações múltiplas e dinâmicas, em constante processo de acomodação e reordenamento. Implica, outrossim, falar em *identidades*, no plural, como resultado de um movimento constante e com acabamentos sempre provisórios, sem compromissos duradouros. A impressão de continuidade legada por alguns dos elementos da composição identitária desses exemplares não pode, por isso, solapar a pulsante reunião

de esforços constantes para a manutenção de uma identidade aberta, sempre outra em relação a si mesma e, por isso, altamente criativa. A Procissão dos Penitentes que integra a Semana Santa na Cidade de Goiás é um marcador tangível desse ensinamento, que se une a vários outros focos de interpretação da cultura religiosa desenvolvida nessas terras, das culturas humanas que as formulam e vivenciam, a partir de acordos múltiplos, explícitos e tácitos, experimentados num sentir compartilhado.

Referências

- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinomia, 2003.
- BRITTO, Clovis Carvalho. *Luzes e Trevas: Itinerários da Procissão do Fogaréu em Goiás*. Trabalho apresentado na 26.^a Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução de Gênesse Andrade. 4.^aed. 5.^a reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. (Ensaio Latino-americanos, 1)
- CHUPUNGCO, Anscar J. *Inculturação Litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese*. São Paulo: Paulinas, 2008. (Coleção celebrar e viver a fé)
- CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Missal Romano*. São Paulo: Paulus, 1992.
- CORA CORALINA. *Estórias da Casa Velha da Ponte*. São Paulo: Global, 2014.
- ECCO, Clóvis; MARTINS FILHO, José Reinaldo F. Celebrar a vida é viver a fé: sobre o conceito de inculturação no catolicismo pós-conciliar. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP*, v. 6, p. 505-522, 2016.
- ECCO, Clóvis; MARTINS FILHO, José Reinaldo F. Música é identidade! Elementos de (re) construção na Romaria ao Divino Pai Eterno. *Paralellus*, v. 8, p. 459-476, 2017.
- ECCO, Clóvis; MARTINS FILHO, José Reinaldo F. Hybridisms and Dialog in the Folia dos Santos Reis: na Introduction. *Fragmentos de Cultura*, v. 27, p. 606-617, 2018.
- MARTINS FILHO, José Reinaldo F. Sobre o protagonismo laical do catolicismo popular: pistas para reflexão. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, v. 78, p. 679-694, 2019a.
- MARTINS FILHO, José Reinaldo F. O que é inculturação: cultura e liturgia em diálogo. Goiânia: Editora Prime, 2019b.
- MARTINS FILHO, José Reinaldo F. Música e identidade no catolicismo popular: um estudo sobre a Folia de Reis e a Romaria ao Divino Pai Eterno. São Paulo: Edições Terceira Via, 2020a.
- MARTINS FILHO, José Reinaldo F. Um sonho ecológico para a Igreja: o magistério de Francisco da *Laudato Si'* ao Sínodo para a Amazônia. *Atualidade Teológica*, v. XXIV, p. 104-126, 2020b.

MARTINS FILHO, José Reinaldo F. *Religião e construções de sentido*. Jundiá: Paco Editorial, 2022a.

MARTINS FILHO, José Reinaldo F. A sinodalidade como refrão: contribuições à identidade eclesial. *Perspectiva Teológica*, v. 54, p. 133-154, 2022b.

ORTENCIO, Bariani. *Dicionário do Brasil Central*. Goiânia: Instituto Casa Brasil de Cultura (ICBC), 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DA CIDADE DE GOIÁS. Decreto n. 273, de 27 de março de 2023. Disponível em: <https://goias.go.gov.br/publicacoes/decretos/decreto2732023.pdf>
Acesso em: 26 mai. 2023.

SANTA SÉ. *Catecismo da Igreja Católica*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

VAN DER POEL, Francisco. *Com Deus me deito, com Deus me levanto*. São Paulo: Paulus, 2018.

VAN DER POEL, Francisco. *Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

VILHENA, Maria Angela. *A religiosidade popular à luz do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

Submetido em: 1/7/2024

Aceito em: 16/9/2024